

BAUNILHA E CHOCOLATE

Sveva Casati Modignani

24 de Maio, Domingo

Querido Andrea, desgraça da minha vida, tantas vezes ameacei ir embora, e nunca o fiz. Agora, vou-me embora. Sabes como sou lenta, mas tenaz, nas minhas decisões.

Em dezoito anos de casamento fui medindo o teu egoísmo, a tua capacidade de mentir, os teus medos, a tua infantilidade.

Não quero saber como te vais arranjar sem mim, uma vez que, sozinho, não és sequer capaz de abrir uma lata de cerveja.

Se quiseres sobreviver, vais aprender a ocupar-te de ti próprio, dos nossos três filhos, do zoo da casa. Não vai ser tarefa fácil dar ordens à empregada, que tu amavelmente defines como «a cretina», nem entenderes-te com a irmã Alfonsina, que nos ameaça com o castigo perpétuo se não baptizarmos o pequeno Luca, com a tua mãe, que desaparece de casa dia sim dia não e depois é preciso esquadrinhar a cidade para a encontrar, com o psicólogo da Lucia, com o Daniele, com brincos por todo o lado e que, aos quinze anos, ainda faz chichi na cama, com as contas que há para pagar nos Correios e as que há para pagar no banco, com os justificativos do IRS e com a lista diária das compras. Vais ter de andar de um lado para o outro, entre a escola e o infantário, entre a aula de judo para o Daniele, a piscina municipal para o Luca e a escola de dança para a Lucia. Vais ter de arranjar um canalizador para o autoclismo que verte e que neutralizar legiões de formigas gigantes que saem de um buraco na varanda e que são refractárias a todo e qualquer veneno.

Vais ter de enfrentar tudo isto e mais ainda, porque eu não vou estar aí a tentar, inutilmente, tapar as fendas de um barco destinado ao naufrágio.

Pergunto a mim própria como conseguirás encontrar o tempo e a vontade para praticar os teus desportos favoritos: as mentiras, as traições, o desinteresse pelos nossos filhos.

Tirando um breve e maravilhoso parêntesis, que se passou há muito tempo, fui durante anos a escrava devota de um patrão arrogante.

Sei que fui tua cúmplice neste jogo perverso e sei que suportei ofensas e injustiças porque tinha medo de ficar sozinha.

No fim de tudo, a tua falta de respeito foi mais forte do que o meu medo da solidão.

A minha condição é idêntica à de milhões de outras mulheres. Somos todas vítimas conscientes e vivemos na esperança de um amanhã melhor, de um golpe de magia que consiga mudar a situação.

Quantas vezes, cansada de engolir sapos, tentei demover-te do teu egoísmo. Foi tudo inútil. Compreendi que as palavras não servem para nada, escorrem como a água. O que conta são os factos. Por isso decidi agir.

Ao fim de dezoito anos de casamento, já não me fascinas.

Como poderia imaginar que o homem por quem me apaixonei era

apenas uma criança que se recusa a crescer?

Quando nos casámos, eu era demasiado jovem e insegura para compreender isso.

Culpa minha, da minha necessidade de ser aprovada por toda a gente, sobretudo pela minha mãe. Ela queria para mim um marido tradicional. Eu fiz-lhe a vontade.

E encontrei como companheiro o típico macho tirano que põe e dispõe da mulher, enquanto que os nossos filhos são aquilo que me poderia acontecer de mais complicado. Ninguém se conforma com as suas próprias derrotas e não há dúvida de que a Lucia, o Daniele e o Luca são a prova do meu fracasso. Mas já não tenho vontade de me sentir culpada por isso. A partir de hoje, vais ter de te entender com eles.

Amo-os apaixonadamente, como te amei a ti. Deixo-os com dor e afasto-me de ti com um sentimento de libertação.

Já não suporto a tua duplicidade, o teu narcisismo, o teu falso papel de pai-companheiro, generoso, compreensivo, que compra para os filhos os presentes que eu lhes nego, que ouve as suas mentiras, grandes e pequenas, com uma benevolência que não te pertence.

Tu és o pai bom, eu sou a mãe má. Tu és o que permite, eu sou a que proíbe.

De cada vez que ousos encostar-te à parede, ficas furioso e partes tudo aquilo a que deitas a mão.

A fúria é a única resposta que sabes dar quando te chamo às tuas responsabilidades. Depois vais-te embora, batendo com a porta de casa. Houve um tempo em que temia que não voltasses. Eu era a vítima que tem medo de ser abandonada pelo próprio carrasco. Escondi piedosamente a tua infantilidade aos nossos filhos, mas eles perceberam e estão confusos e perdidos.

Desgraça da minha vida, não imaginas o rancor que acumulei e a dor que me causa abandonar os meus filhos. Ai de ti, se não tomares conta deles. Vou para Cesenatico, para casa da minha avó, porque preciso de estar sozinha.

Diz aos nossos filhos que me podem telefonar em qualquer altura, quer para o telemóvel, quer para casa. Naquilo que te diz respeito, porém, debes aparar o meu jogo e fazer de conta que fiz umas férias para descansar. Não penses em vir buscar-me. Se o fizesses, digo-te já que voltaria apenas para levar as crianças e deixar-te para sempre. Por isso, se queres à nossa família, não fales nem apareças.

Agora estás sozinho com as tuas responsabilidades e, pela primeira vez, com os teus filhos. Espero que se possam ajudar uns aos outros.

Penelope

BAUNILHA E CHOCOLATE
Sveva Casati Modignani

HOUVE UMA DISCUSSÃO...

EDIÇÕES ASA

Houve uma discussão furiosa entre Andrea e Penelope por causa de Stefania, uma jornalista engraçada que se ocupava das crónicas de espectáculos. A razão do litígio não nasceu tanto do ciúme mas sim da raiva de Penelope pela capacidade desenfreada que o marido tinha de mentir, negando sempre a infidelidade, mesmo perante uma evidência. Andrea traía-a desde sempre, e desde sempre se proclamava inocente.

— Acontece que, exactamente esta manhã, poucas horas depois de ter feito amor contigo, tomei um café no bar com a tua bela colega. No fim refugiou-se em lágrimas entre os meus braços, pedindo-me que a perdoasse — começou Penelope.

— Estás a dar tiros no escuro — replicou Andrea.

— Olha que foi ela quem me procurou e contou tudo.

— Vocês são duas loucas. Duas visionárias! — Andrea esbugalhava os olhos, estupefacto.

Começava a ter medo e Penelope, que o conhecia, sabia que estava prestes a explodir, a escacar um objecto qualquer.

Já tinha assistido demasiadas vezes às suas cenas vulgares para se deixar intimidar.

— És um palerma, Andrea — comentou. — Tu não sabes a que ponto pode chegar a cumplicidade entre nós, mulheres. A Stefania não só me contou tudo a chorar, como, no fim, conseguimos até sorrir das tuas ridículas artimanhas para eu não te descobrir.

Agora Andrea fixava-a, rígido, alerta, pronto a saltar. Ela continuava, impávida:

— Já que falamos nisso, devo dizer-te que não podes continuar a insultar a minha modesta inteligência. És um descalabro, como marido e como pai. Estou cansada de ti. Desta vez, entre nós, acabou mesmo tudo — concluiu, indiferente ao facto de Priscilla, a empregada, estar a espiar por detrás da porta da sala e de os filhos, nos seus quartos, ouvirem tudo.

Andrea, naquele momento, tinha nas mãos um volume da Enciclopédia Treccani.

Atirou-o contra o vidro da porta, que se estilhaçou em mil pedaços. Logo a seguir saiu de casa, batendo a porta com estrondo.

Regressou à meia-noite, trazendo consigo um bolo gelado de baunilha e chocolate. Se a mulher já estivesse a dormir, metia-o no congelador. Mas se estivesse acordada, recitava o habitual acto de contrição, ela perdoava-o, e festejavam o fim das hostilidades à mesa da cozinha, entre uma carícia e uma fatia de bolo.

A casa estava silenciosa. As crianças dormiam.

Sansone, esticado ao lado do pequeno Luca, dirigiu-lhe um olhar indiferente, e depois voltou a fechar os olhos. Penelope estava estendida no

sofá, a dormir. Pelo menos, assim parecia. Olhou-a com ternura, pensando que qualquer dia deixaria de lhe causar tantas inquietações.

Reparou no caixilho vazio da porta, e só então se lembrou de que tinha estilhaçado o vidro. Paciência. Penelope trataria de o mandar substituir. Inclinou-se sobre ela e acariciou-lhe a face. Depois entrou no quarto, cansado. No jornal, onde era chefe da secção de espectáculos, tinha tido um serão extenuante. O fax tinha avariado e a peça mais importante do enviado em Londres não tinha chegado a tempo. Assim, tivera ele próprio de se sentar ao computador onde, com materiais de arquivo e um sintético ponto da situação telefónico, escreveu o artigo de abertura.

Tinha havido outros aborrecimentos, incluindo um artigo enfático sobre um programa de televisão péssimo do qual tinha sido obrigado a dizer bem.

Despiu-se, atirando cadeirão, e meteu-se na cama. Tentou ler algumas páginas da biografia de uma cantora famosa, de que devia fazer uma recensão, mas caiu, vencido pelo cansaço. O último pensamento antes de adormecer foi que, na manhã seguinte, teria tempo para fazer as pazes com a mulher.

Acordou às onze horas. Espreguiçou-se como um gato, sentindo na pele o contacto agradável dos lençóis acetinados. Lembrou-se de repente de Penelope, a pessoa mais importante da sua vida. Para Andrea, não havia mulher que se pudesse comparar a ela, a sua muito amada companheira, que lhe era tão indispensável como o ar para sobreviver. Stefania, por exemplo, era de uma beleza resplandecente. Tinha sido divertido levá-la para a cama, porque sabia transformar o amor num jogo irresistível. Mas nunca a teria trocado pela sua mulher, que cheirava a flores do campo e a pão fresco. Penelope, de pernas de seda, flancos generosos, seios de adolescente, ventre pequeno e rijo apesar de três gravidezes, agradava-lhe mais do que todas as outras. A sua boca sabia a tangerina, os grandes olhos dourados encantavam-no. Amava tudo nela: a voz pastosa, as mãos papudas, a graça com que roía as unhas. Quando enfiava os dedos por entre os seus cabelos castanhos, eternamente despenteados, ou abraçava o seu corpo macio e forte, sentia-se dono do mundo. Ela era um rochedo a que se tinha agarrado e não havia mulher, por mais esplêndida que fosse, que pudesse competir com a sua tão adorada Pepe. Stefania, como as outras companheiras ocasionais, era apenas um jogo.

Por isso, precisava de fazer as pazes depressa. E para isso seria favorecido pela ausência dos filhos que, como todos os domingos, passariam o dia com uns primos da sua mulher.

Levantou-se da cama, enfiou o roupão, abriu a janela sobre a varanda e depois abriu a porta do quarto. Não ouviu a habitual música de fundo que caracterizava o despertar dominical. Admirou-se ao encontrar Sansone, um cão-pastor branco, encolhido em frente da sua porta. O silêncio preocupou-o. Tudo era um inquietante sinal de alarme.

— Pepe, onde estás? — gritou, esperando ouvir a voz da mulher. Não

teve resposta. Em vez de entrar na casa de banho para tomar um duche, precipitou-se em direcção à cozinha.

Habitualmente, encontrava a mesa cuidadosamente posta, a sua taça de fruta aos pedacinhos, a tigela de iogurte fresco, as fatias de pão torrado, o mel, o café americano, claro e aromático, e a sua mulher sentada à mesa a folhear os jornais do dia. Naquela manhã não havia nada disto e Andrea susteve a respiração, com medo, pois tinha à sua frente uma visão clara daquilo que resta depois da revolução: pratos sujos, chávenas com restos de leite e flocos de aveia, frascos de compota destapados, açúcar espalhado no tampo da mesa. Recuou, quase espavorido.

— Pepe, onde é que estás? — gritou ainda, com a ânsia de uma criança que não encontra a mãe.

Apenas Sansone lhe respondeu, com um ar levemente aborrecido.

— Mas o que é que se passa esta manhã? — alarmou-se, enquanto inspeccionava a casa, escancarando as portas de todas as divisões. A sala de estar era um caos. A mesma desordem reinava nos quartos dos filhos, nos quartos de banho, na entrada. De Penelope, não havia vestígios. Excluiu a hipótese de ter acompanhado as crianças a casa dos primos. Eram sempre eles que vinham buscá-las ao domingo de manhã. Sentiu uma preocupante aceleração do ritmo cardíaco. Não era possível que Penelope tivesse saído deixando toda aquela desordem sem uma explicação. Regressou à cozinha. Em cima do armário, encostado ao pequeno relógio de porcelana vienense, viu um envelope que tinha escrito: Andrea. Estava fechado. A mão tremeu-lhe enquanto o abria e retirava uma folha escrita com uma letra minúscula mas ordenada. Começou a lê-la rapidamente.

Leu tudo, até ao fim. Depois deixou-se cair numa cadeira. Estava atordoado, como se tivesse recebido uma pancada na cabeça. Aquelas não eram palavras de Penelope. Sansone, aos seus pés, fitava-o silencioso. Até Cip e Ciop, os pequenos papagaios, na sua gaiola por cima do peitoral, estavam estranhamente quietos. Nesse momento reparou numa outra mensagem, escrita a giz na pequena lousa pendurada ao lado do grande frigorífico azul. Dizia: Filhos adorados, resolvi ir embora durante algum tempo. Preciso de descansar. Volto depressa. Amo-vos. Um abraço muito forte. Mãe.

— Não é possível! — berrou Andrea, e olhou para o cão como a sua mulher tinha gritado no dia anterior: «Desta vez, entre nós, acabou mesmo tudo».

— Enlouqueceu — sussurrou, assustado, dirigindo-se a Sansone, que respondeu com um bocejo. — Uma coisa é ameaçar, e outra é pôr em prática uma loucura. Agora vai-me ouvir — disse, enquanto voltava à sala de estar. Levantou o auscultador do telefone e marcou o número do telemóvel de Penelope. Respondeu-lhe uma gravação que lhe sugeriu voltar a ligar porque aquele número não estava «de momento, disponível». Deu um pontapé ao porta-revistas e lançou um grito seguido de uma imprecação. Tinha-se magoado no pé.

Voltou à cozinha a mancar, abriu a porta do frigorífico e pegou na garrafa de água mineral. Encheu um copo e bebeu em grandes tragos.

Depois agarrou no açucareiro e atirou-o contra o armário. Os pequeninos grãos brancos caíram em chuva sobre o pavimento. Estava fora de si e não tinha ninguém com quem desabafar.

Não conseguia aceitar as acusações de Penelope mas, sobretudo, não lhe parecia verdade que o tivesse deixado. Sentiu-se insultado e ofendido.

— Se ao menos eu nunca a tivesse encontrado — sibilou. Amachucou a carta e atirou-a para longe. — Que grande cretina! Mas quem julga ela que é? Até desligou o telemóvel! Agora meto-me no carro, agarro-a pelo pescoço e trago-a para casa à bofetada — gritou ainda, olhando para Sansone. O cão pensou que os gritos fossem com ele e começou a rosnar, erguendo o lábio superior e mostrando os dentes.

— E pára com isso! — ordenou Andrea, enquanto procurava o sítio onde tinha ido parar a carta. Encontrou-a, pegou nela, alisou-a e regressou ao quarto. Era a única divisão da casa onde havia um mínimo de ordem. Estendeu-se em cima da cama, que conservava ainda a tepidez que tinha sentido até há poucos minutos atrás, quando não fazia ideia da catástrofe que se tinha abatido sobre ele, e recomeçou a ler a carta da mulher, medindo cada palavra. Penelope tinha traçado o perfil de um desgraçado no qual não se reconhecia.

Tinha descrito uma família desastrada que não podia ser a sua.

Tinha-se retratado como uma escrava, vítima de um explorador, de um tirano. E por fim fazia chantagem com ele: se a fosse buscar, ela levaria os filhos. Um desastre. Mas seria tudo verdade? Ele sempre se tinha considerado um bom marido e um bom pai. Às vezes perdia as estribeiras. Mas quem não se zanga com a própria mulher, sobretudo quando esta sabe ser suficientemente pérfida para não deixar fugir uma única ocasião de encostar o marido à parede? Estaria com ciúmes por causa de Stefania?

Penelope tinha-se zangado porque ele se obstinava a negar. Mas que homem é tão tolo que admita uma infidelidade? Levantou-se da cama e debruçou-se da varanda. A rua era a mesma de sempre, as tílias exalavam todo o seu perfume, os automóveis percorriam a avenida nos dois sentidos, o mundo não tinha mudado. Mas ele sim. A sua mulher tinha-o deixado e Andrea não conseguia acreditar que as razões fossem aquelas expostas na carta. Talvez houvesse outra coisa. Mas o quê? «E se fosse tudo verdade?» perguntou-se de repente. Mas é claro, a sua Penelope tinha razão. Tinha-se comportado como um inconsciente. Foi como se um relâmpago tivesse iluminado a escuridão da sua mente, mostrando-lhe toda a sua insignificância. Sempre tinha sido um marido infiel, mentira, deixara-lhe a ela a tarefa difícil de gerir a casa e a família, intervindo raramente e sempre a despropósito. Por que era tão estúpido? E Penelope, como tinha conseguido suportá-lo durante tantos anos? Abriu a mão e largou a carta ao vento. Depois apoiou os braços sobre o parapeito e chorou.

A última vez em que tinha chorado assim era ainda um rapaz. Mas essa era uma velha história de família. Por que lhe vinha à ideia logo agora?